



### **Eixo Temático**

#### **2. Educação no Campo e Políticas Públicas**

### **Título**

## **NO MAR DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A IDENTIDADE DOS MORADORES DO ENTORNO DA ESCOLA DO CAMPO EM NOVA IGUAÇU**

### **Autoras**

Marcia Figueira Marques da Silva  
Darlene Camargo Gomes de Queiroz  
Nycole Sequeira de Lanna

### **E-mail**

[marciafmarques@gmail.com](mailto:marciafmarques@gmail.com)  
[profdarlenedequeiroz@gmail.com](mailto:profdarlenedequeiroz@gmail.com)  
[nycole\\_lanna@yahoo.com.br](mailto:nycole_lanna@yahoo.com.br)

### **Palavras-chave**

Moradores; Identidade e Escola do Campo.

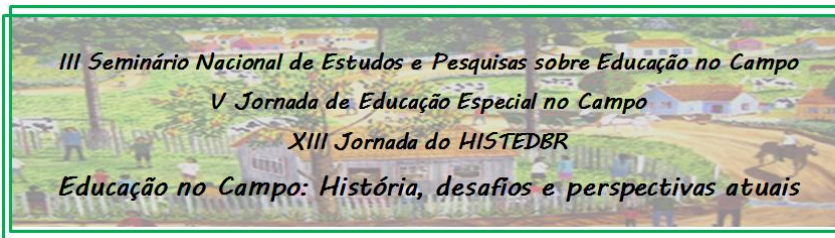
### **Resumo**

Este artigo procura retratar um pouco do cotidiano dos moradores do entorno da Escola Municipal Shangri-lá, situada no bairro Parque Todos os Santos, em Nova Iguaçu, onde pesquisamos sobre a aplicabilidade do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC e de como a formação dos professores-alfabetizadores pode trazer contribuições para o trabalho pedagógico dos professores desta escola do campo. Nas pesquisas iniciais, onde procuramos situar a criação da escola com o seu entorno, deparamo-nos com a história da localidade e da identidade de seus moradores, do início do loteamento e da relação dos sujeitos com o Rio Guandu. Dos primeiros habitantes, da convivência dos moradores e suas histórias, costumes e de como vivem e convivem com a natureza.

### **Texto Completo**

Esse artigo surgiu por conta de um acaso, quando após seis anos trabalhando na Escola Shangri-Lá, localizada no Parque Todos os Santos, no Km 39 da antiga estrada Rio-Santos, resolvemos descer a rua da escola e virar à direita para comprar pão.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Deparamo-nos com uma paisagem fantástica: uma vista maravilhosa, uma “imensidão de mar” que não podíamos entender como ele estava ali e ninguém havia mencionado. Logo, o dono do estabelecimento, sendo ele um dos primeiros moradores da região, tratou de nos contar o que tínhamos visto: não era mar, era uma grande lagoa que se formou com o fechamento das comportas do Rio Guandu.

Tamanha foi a nossa perplexidade com a vista que tivemos, que resolvemos marcar um passeio à pé com todos os sujeitos da escola; alunos, professores, orientadores, diretores, funcionários da secretaria e terceirizados, além dos moradores do entorno que participam de projetos comunitários dentro da escola (oficineiros) foram mobilizados a participar desta caminhada. Organizamos essa visita em dois turnos para que pudessemos realizar algumas atividades no caminho até às margens da grande lagoa.

Os professores tiveram a ideia de organizar um questionário bem simples para que as crianças pudessem entrevistar alguns moradores durante os 15 minutos à pé até às margens. Durante o percurso, os próprios alunos iam contando as novidades sobre o bairro e ficamos perplexos com a capacidade que tinham de armazenar informações sobre pessoas e fatos da região que habitavam. Por onde passávamos, havia sempre uma história e uma descrição de um local ou de pessoas que consideram ser importantes para a comunidade. E assim, partimos para nossa pesquisa de campo desta Comunidade do Campo.

### **A formação do *lócus***

No final do século XIX, por volta dos anos 90, deu-se o início do plantio, cultivo e beneficiamento da laranja, produto agrícola que proporcionou muitos incentivos do governo à Baixada Fluminense, principalmente em Nova Iguaçu.

Associado à infraestrutura e a presença de grandes latifúndios que foram aos poucos retalhados em sítios e chácaras destinados a citricultura, houve o interesse político no desenvolvimento dessa atividade agrícola por Nilo Peçanha, presidente do Estado e da República em relação ao frete, ao transporte, a conservação da laranja, como a isenção de direitos aduaneiros sobre frutas entre o Brasil e Argentina. Ele ainda



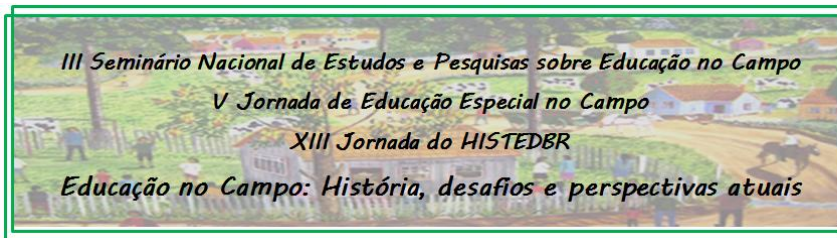
promoveu obras de drenagem e recuperação das regiões pantanosas próximas aos rios Iguaçu, Sarapuí, Inhomirim e Pilar, proporcionando a proliferação dos laranjais.

Na serra de Madureira e pela região de morros que antecede a serra do Mar, as encostas possibilitaram o escoamento do excesso de água e a insolação necessária à qualidade do fruto, propício ao cultivo da laranja. Os laranjais se localizaram nas zonas de morros, nas encostas íngremes da serra e com a valorização da laranja, a fruta começou a lastrar-se pelas baixas colinas e planície onde loteadores e cultivadores drenaram a planície com a abertura de valetas, permitindo a ocupação pelos laranjais.

O plantio da laranja ocorria em pequenas propriedades e como as condições fundiárias nas terras de Nova Iguaçu eram marcadas pelos grandes latifúndios decadentes, essas propriedades tornaram-se alvo de fracionamento por empresas ou seus próprios proprietários no período compreendido entre 1920 e 1940. Muitas empresas investiram seu capital na aquisição de grandes extensões de terra que as subdividiam e as arrendavam para o plantio da laranja, onde também se pode observar um aumento populacional na área rural, formada pelo fluxo de mão de obra utilizada dos assalariados, meeiros e lavradores. Segundo SOARES:

Três áreas com características diferentes podiam ser distinguidas no município. A primeira era construída, aproximadamente; pelos distritos de Cava, Queimados, Xerém e Estrela, compreendendo grande área de relevo acidentado, mas também zonas pantanosas, com vastas extensões recobertas de florestas ou de mangues e fracamente povoadas nas quais predominavam os latifúndios. Outra área, constituída pelo distrito de Iguaçu era intensamente aproveitada para a citricultura; nela a terra estava grandemente fragmentada e apresentava apreciável densidade de população. Finalmente, uma área ainda menor, vizinha ao antigo Distrito Federal e constituída pelos distritos de Nilópolis, São João de Meriti e Duque de Caxias, se caracterizava por população densa, de tipo suburbano, que mantinha relações de trabalho diário com a metrópole. (p.209)

Contudo, mais uma vez o progresso que atingiu Nova Iguaçu e por consequência grande parte da Baixada Fluminense, não repercutiu de maneira a proporcionar ao distrito de Nova Iguaçu a capacidade de formação de um núcleo urbano. Mesmo toda a riqueza produzida não se reverteu num aumento em área ou população (só acontecendo no campo), isso porque apenas um pequeno grupo com negócios de arrendamento de



terras, beneficiamento e exportação da laranja residia no município, construindo belas residências e principalmente o papel preponderante do Rio de Janeiro nesse ciclo, atuando da mesma forma que ocorreu no período do café, conforme descreve SOARES:

(...) “como o comércio do café, no passado, a laranja traria as maiores vantagens para a própria metrópole, através do movimento de seu porto, do lucro de seus bancos e da riqueza dos exportadores“. Nem mesmo sobre todo o município de que era a sede, Nova Iguaçu pode exercer sua influência, pois desde cedo, a metrópole lançara seus tentáculos sobre as áreas municipais que lhe eram contíguas, as quais passaram a ter existência quase autônoma, a tal ponto que, com o correr dos anos, se transformariam em outros tantos municípios: São João de Meriti, Nilópolis e Duque de Caxias. (p.213)

Na primeira metade do século XX predominava na Baixada Fluminense a ocupação das suas terras sobre a forma de chácaras, sítios e fazendas com a população ocupada no campo direcionado para o plantio e cultivo da laranja,

Com o fenômeno da industrialização, os citricultores vivenciaram extremas dificuldades vinculadas a falta de mercado consumidor; transporte ineficiente e de alto custo; endividamento; estado precário dos pomares e abandono da limpeza e tratamento dos laranjais associado ao seu baixo rendimento, que com o lucro obtido não cobria as despesas. Finalizava-se o ciclo da laranja, iniciando a transição e transformação do espaço onde chácaras ou terras destinadas ao cultivo da citricultura foram fracionadas dando lugar a pequenos lotes residenciais para venda direta ou para construção, venda ou aluguel de casas, saída adotada por vários citricultores do fim deste ciclo.

A ideia de felicidade só pode ser entendida como um lugar ilusório em que o vasto empreendimento de novas promessas esmaece o excesso de decepções, fazendo com que a crença nessa busca não seja perdida e permaneça re-atualizando-a. (BAUMAN)

Com o fim da citricultura o espaço predominantemente rural foi se transformando em urbano e os migrantes, principalmente os nordestinos que vieram para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições de vida e de trabalho, no final dos anos 50, acarretou na ocupação da periferia pela população de baixa renda, restando





a ela procurar as áreas periféricas localizadas mais próximas ao Rio de Janeiro, transformando as mesmas em cidades dormitórios.

Foi assim que a Baixada Fluminense ficou conhecida como área de expansão do Rio de Janeiro, apresentando a proliferação de loteamentos com baixo custo da moradia e carência de infraestrutura na sua grande maioria.

Entretanto, o período entre 1940 até 1960 caracterizou-se numa expansão urbana acentuada que se direcionou pelo eixo ferroviário e deu origem a uma periferia, onde os migrantes encontraram disponibilidade de terra farta decorrente do fim da atividade do cultivo da laranja, gerando um período de loteamentos carentes em infraestruturas.

É nesse período que começa o povoado do Parque Todos os Santos, onde a escola está insere.

### **Os primeiros moradores do Parque Todos os Santos**

Nos anos 50, segundo relato de alguns moradores que trabalham na unidade escolar onde atuo como Orientadora Educacional, a Escola Municipal Shangri-Lá, o bairro Parque Todos os Santos começou a ser loteado por um tal Sr. Euzébio que era corretor que representava alguns donos das chácaras que antes se cultivavam laranjas para exportação. Nessa época havia trabalhadores que moravam nessas chácaras como caseiros e cultivavam o laranjal, mas os latifundiários acabaram por sucatear suas terras em pequenos lotes e vender suas propriedades.

Segundo Léa, funcionária terceirizada da escola e moradora do local desde os primeiros loteamentos, tudo era um grande laranjal, mas também havia canaviais, plantação de aipim, temperos e mamoeiros e sua família complementava a renda com a venda de caldo de cana na estrada. Essa atividade ainda pode ser vista na beira da antiga Estrada Rio São Paulo, no km 39.

Os novos proprietários dessas terras eram formados em grande parte pelos trabalhadores nordestinos que se estabeleciam neste local, utilizando a localidade como cidade-dormitório ou mantinham suas famílias enquanto trabalhavam na cidade do Rio de Janeiro. Alguns trabalhadores dos laranjais conseguiram comprar pequenos lotes e mantiveram o cultivo dos laranjais.



Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois. (BENJAMIN, p 15).

A maioria das casas era construída com a ajuda de um mutirão e eram feitas de estuque. Ela ressalta que o divertimento nos primeiros anos de existência do bairro era um forró que acontecia de 15 em 15 dias numa casa grande. E todos aguardavam ansiosos por este acontecimento.

Como se pode lutar contra as adversidades do destino sozinho, sem a ajuda de amigos fiéis e dedicados, sem um companheiro de vida, pronto para compartilhar os altos e baixo? (BAUMAN, ).

A secretária da escola conta que os alunos iam de charrete para a escola, conduzidos por alguém da família para estudar e diz que muitos professores levavam “carreira” de bois até chegar à escola. Diz que a maioria dos pais dos alunos trabalhava nos sítios da região e cuidavam da roça e da plantação de laranja, mandioca e cana de açúcar. A lavoura era do tipo de subsistência, sem um controle especializado. E havia a atividade pesqueira.

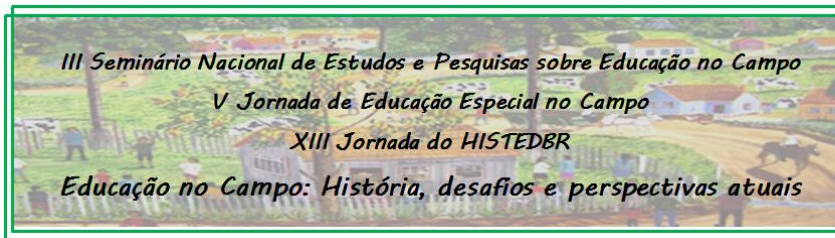
Quando morria alguém, construía-se o caixão a partir das madeiras utilizadas nas caixas para acomodar as laranjas a serem vendidas na estrada ou no centro de Nova Iguaçu. Para enfeitá-lo, as mulheres compravam um tecido chamado “viscose”, na cor roxa, e forravam o caixão. Os mortos eram enterrados (e ainda são) no Cemitério de Marapicu e eram conduzidos até lá em um caminhão alugado para tal propósito.

### **O Homem e sua relação com o Rio Guandu**

A história do Km 39 da antiga estrada Rio São Paulo, vem do nome da antiga fazenda Todos os Santos que deu origem ao Bairro Parque todos os Santos, região onde está localizada a barragem da Cedae, o Túnel de captação de águas do Rio Guandu.

Com o fechamento das comportas da Cedae nos anos 60, formou-se uma grande lagoa que constitui um berço para vários tipos de peixe, tais como tilápia, cambotá, bagre, lambari, travia, cumbacra e mandiassú.

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



Uma agente de incentivo à leitura conta que o primeiro pescador do Parque Todos os Santos foi o seu avô, o Sr. Antonio Soares, um dos pescadores mais antigos. Ela conta que ele pescava à noite e era a sua avó, a Sra. Maria que remava enquanto ele jogava a tarrafa e rede.

Uma funcionária de apoio da escola conta que veio bem menina morar nesta região, onde seu cunhado era pescador. Essa atividade pesqueira atraiu mais moradores para esta região e, até hoje, muitos tem na pesca o seu sustento principal. É comum vê-los na beira da estrada vendendo seus pescados.

As comunidades são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destinos, cujos membros vivem juntos numa ligação absoluta e outras que são fundidas unicamente por ideias ou por uma variedade de princípios. (Bauman, p 15)

Contudo, os pescadores temem que com as obras que a Cedae pretende realizar nos rios Poços, Queimados, Cabuçu e Ipiranga, que formam dois canais, e terão seus leitos encapsulados em grandes tubulações, que serão instaladas abaixo do leito do rio Guandu e assim, com o desvio da rota, o desague deles passaria a ser no próprio Guandu, num trecho após o ponto onde a empresa capta a água que abastece a Capital.

Um relatório de Impacto Ambiental aponta que a canalização poderia vir a interferir na vida dos pescadores da comunidade de Todos os Santos, na Baixada.

“Com a implantação do empreendimento, os pescadores perderão um dos locais preferenciais de pesca, que é exatamente onde o dique será implantado”, diz o texto do relatório, que complementa “o local serve de passagem dos peixes que usam a lagoa para reprodução”. A tendência será de acentuada decadência da produção. (O GLOBO, 2014).

O projeto prevê, ainda de acordo com o relatório, desapropriações uma vez que, com a obra, “poderá ocorrer aumento das áreas inundáveis”. Ele recomenda o monitoramento frequente da região onde ocorreriam as remoções, para evitar novas ocupações e que há cerca de 40 famílias que deverão ser removidas da área, por estarem vivendo às margens dos rios.



Com isso, os pescadores da comunidade já começaram uma mobilização com encontros da comunidade na associação de moradores do bairro. A comunidade costuma lutar pelos seus direitos, ter voz e poder falar e cobrar a presença de representantes do poder público, a fim de propiciar espaços de discussão e negociação das ações que possam interferir na vida de seus moradores.

Dentre esses pescadores, seis são pais de alunos da escola e seus filhos nos contam que querem ser pescadores tal qual seus pais. Eles têm orgulho da profissão que escolheram para o seu sustento e são respeitados pelos demais moradores.

### **A criação da Escola do Campo Shangri-Lá**

Tudo começou em 1944, com a iniciativa da Dona Michol de Queiroz, ao ensinar um grupo de pessoas com o objetivo de melhorar as condições de vida de cada um no futuro e pela necessidade do país ser alfabetizado.

Embaixo de uma árvore chamada “carrapateira” no sítio Shangri-lá. Lá, essa senhora alfabetizava jovens, adultos e crianças. Depois passou para a varanda da casa do sítio.

A professora Michol alugou a casa do sítio do Capitão Inácio. Contava com professores voluntários, pois, na época, não havia profissionais com formação para ajuda-la nessa missão.

Mais tarde, esgotados os seus próprios recursos, D. Michol conseguiu que o então prefeito Joaquim de Freitas contratasse os voluntários como diaristas. Nascia assim, em 1965, a Escola Municipal Shangri-Lá, nome este que fora escolhido por ela, extraído do filme “Horizonte Perdido”, que significa “lugar tranquilo”, “paraíso”, onde não há ódio e as pessoas são felizes e solidárias.

Dona Michol era só solidariedade, abnegação e amor, mulher ímpar, que não tinha limites para a caridade e vivia para os outros. Professora de música, ela compôs a letra e melodia do hino da nossa escola, que hoje é cantado com carinho pelos alunos, funcionários e professores, durante as festividades escolares.

Da “carrapateira” do sítio à Escola Municipal Shangri-Lá, Dona Michol dedicou toda a sua vida e só parou quando faleceu.





Todos os moradores da região, assim como os dirigentes, equipe técnica e funcionários da escola são agradecidos, porque seu filho, Mário Sepúlveda, continuou cedendo o prédio para que anos de dedicação de sua mãe fossem compensados. Esse mesmo senhor faz questão de organizar uma bela festa de Natal para os alunos da escola e com a ajuda de colaboradores, as crianças se divertem com a presença de Papai Noel e recebe presentes de Natal.

Da época da Dona Michol até hoje, o que difere é a modalidade de ensino oferecida nesta escola pela prefeitura. A escola oferece a modalidade da Educação Infantil 4 e Educação Infantil 5, além das séries iniciais do Ensino Fundamental, do 1 ao 5 ano de escolaridade.

A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. (BENJAMIM, p 19)

### **A Escola Shangri-lá no Século XXI**

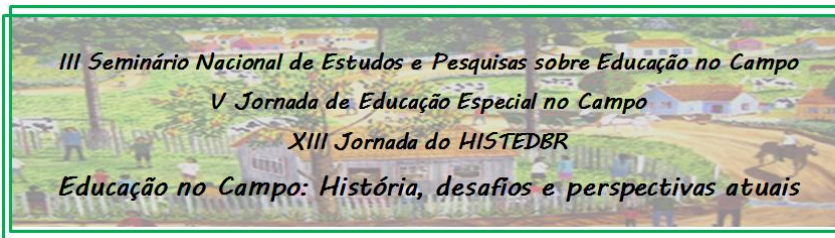
Da época da Professora Michol até hoje o bairro tem passado por algumas mudanças. A escola não oferece ensino de jovens e adultos. Há oferta de vagas para a Educação Infantil 4 e a Educação Infantil 5, além das séries iniciais do Ensino Fundamental, de 1 a 5 série.

O bairro, com cerca de 3 mil moradores, localizado na divisa de Nova Iguaçu com o município de Seropédica, ao lado da Estação de Tratamento do Guandu, registra um dos piores Índices de Desenvolvimento Humana (IHD) da cidade. O bairro Parque Todos os Santos vivia em total abandono, há décadas, sem ter nem sequer uma rua pavimentada ou esgotamento sanitário; faltava também rede de água e transporte público.

A escola tem passado por reformas desde a sua municipalização e atualmente está sendo realizada uma obra grande, que prevê muitas melhorias, tais como ampliação de espaços, construção de sala de recurso, quadra coberta e instalação de aparelhos de ar-condicionado.

O próprio bairro teve a maioria de suas ruas asfaltadas e já há uma linha de ônibus percorrendo as ruas do bairro. A escola absorve a matrícula de mais de 70% das

**www.semgepec.ufscar.br**  
**27, 28, 29 e 30 de outubro de 2015**



crianças do bairro de 04 anos em diante. A maioria dessas crianças são filhos e filhas de ex-alunos da escola e estes fazem questão de matricularem seus filhos na mesma escola que estudaram. Há respeito pelos profissionais que atuam nesta unidade e não há registro de depredação ou roubo de bens da unidade escolar. Após as atividades escolares, é comum alguns jovens moradores irem jogar bola na quadra da escola, pois há um funcionário que permanece além do horário escolar para possibilitar essa socialização de moradores com a escola.

O bairro possui uma infraestrutura precária, com pouquíssimo comércio, nenhuma farmácia e um posto de saúde que há bastante tempo não tem atendimento médico, tendo apenas um assistente social que faz encaminhamentos para outras unidades.

Com o asfaltamento, os moradores sentem-se mais valorizados e acreditam que seus imóveis também tiveram seus valores majorados. É comum observar que famílias resolvem tentar a vida em outro município ou bairro e não se desfazerem das suas casas. Sabemos que muitos retornam à comunidade.

### **Considerações Finais**

O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, no qual o Município de Nova Iguaçu é participante, prevê ações para a alfabetização de alunos até os 8 anos de idade. Para isso, esta política do governo federal possui um material didático de qualidade, propõe a formação de professores das escolas que aderiram ao pacto e, durante a formação, os professores dialogam com seus orientadores e demais colegas, possibilitando a troca de experiências vivenciadas no cotidiano escolar, suas dúvidas e ações exitosas, assim como o trabalho pedagógico.

Com a proposta do pacto, veio também o avivamento da condição desta escola, como escola do campo, através das ações previstas e material próprio para esta modalidade.

Com essa designação, toda a escola está mobilizada para cumprir a tarefa de adaptar as atividades escolares e o fazer pedagógico para fazer adaptações num currículo que privilegia a educação formal e negligencia o saber e a cultura local. Para



isso, a Secretaria Municipal de Educação de Nova Iguaçu, em parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, UFRRJ, disponibilizou uma formação continuada sobre Escola do Campo e convidou toda a equipe da escola, professores, orientadores e administrativos a participarem da formação, a fim de conhecer os fundamentos da educação do campo.

Diante desta nova realidade, a fim de atender a demanda da modalidade do campo, sabemos que temos um longo caminho a percorrer e que se faz necessário conhecer mais sobre as especificidades da educação do campo e do saber local, para que possamos traçar metas para o trabalho pedagógico, a fim de enriquecer a cultura dos moradores com novos conhecimentos para as práticas da comunidade do entorno escolar.

### Referências

BAUMAN, Zygmunt., 1925. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi** – tradução Carlos Alberto Medeiros – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005

BENJAMIM, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas, Volume 1 - página 15, 7a edição, Editora Brasiliense, 1994.

CARNEIRO, Sergio Arthur Trindade. **Os (des)caminhos do migrante nordestino em Nova Iguaçu (RJ): de uma periferia a outra**. Niterói. Monografia de conclusão de graduação em Geografia UFF, 2001.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **O homem e a Guanabara**. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1964.

MENEZES, Antônio Lacerda de, "O Morgado de Marapicu" Caminhando. Ano XVIII, Nº 143 – Agosto de 2002.

PERES, Guilherme. **Tropeiros e viajantes na Baixada Fluminense**. Rio de Janeiro. Gráfica Shaovan Ltda, 2000.

SOARES, Maria Therezinha de segadas. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo grande Rio de Janeiro. Revista **Brasileira de Geografia**. Ano 24, n.2